



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**JONAS DA SILVA MEIRELES**

**CULTURA E PODER: A ESCRITA FREYREANA DO COTIDIANO DA  
CASA-GRANDE E DA SENZALA**

GUARABIRA – PB  
2014

**JONAS DA SILVA MEIRELES**

**CULTURA E PODER: A ESCRITA FREYREANA DO COTIDIANO DA  
CASA-GRANDE E DA SENZALA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **em História** da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Profa. Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB**

M499c Jonas da Silva Meireles

Cultura e poder [manuscrito] : a escrita Freyreana do cotidiano da casa-grande e da senzala / Jonas da Silva Meireles. - 2014.  
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Naiara Ferraz Bandeira Alves, Departamento de  
HISTÓRIA".

1. Relações humanas. 2. Espaço social. 3. Cultura I. Título.

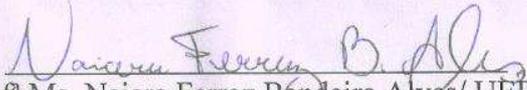
21. ed. CDD 390

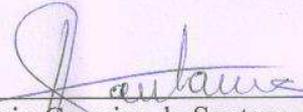
**JONAS DA SILVA MEIRELES**

**CULTURA E PODER: A ESCRITA FREYREANA DO COTIDIANO DA  
CASA-GRANDE E DA SENZALA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **em História** da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Aprovada em 27/02/2014.

  
Prof<sup>ª</sup> Ms. Naiara Ferraz Bandeira Alves/UEPB  
Orientadora

  
Prof. Ms. Flávio Carreiro de Santana / UEPB  
Examinador

  
Prof<sup>ª</sup> Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/UEPB  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por mais uma grande conquista alcançada em minha vida.

À professora Naiara Ferraz Bandeira Alves, pela atenção e disponibilidade para me orientar, igualmente a todos os meus professores pelo saber compartilhado.

*In memoriam*, agradeço a mãe Eusébia da Silva Meireles, pelo incentivo em fazer graduação em história.

Também agradeço aos meus amigos, Damião Cavalcante, Paulo Hipólito, pelo apoio neste momento. Que Deus, por sua infinita graça, vos abençoe.

Jonas da silva Meireles

***“Aquele que habita no esconderijo do altíssimo  
á sombra do onipotente descansará”.***

(BÍBLIA SAGRADA, 1995, p.592)

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2 - A CASA-GRANDE E A SEXUALIDADE COLONIAL.....</b>	<b>10</b>
<b>3 - A CASA-GRANDE E AS PRÁTICAS MÍSTICAS.....</b>	<b>12</b>
<b>4 - A CASA-GRANDE DIANTE DA MORTE.....</b>	<b>15</b>
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

# CULTURA E PODER: A ESCRITA FREIREANA DO COTIDIANO DA CASA-GRANDE E DA SENZALA

MEIRELES, Jonas da Silva

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o contexto social onde a casa-grande está inserida, como espécie de família extensiva no período colonial brasileiro. É a partir do livro *Casa-Grande e Senzala*, escrito por Gilberto Freyre em 1933, que evidenciamos neste artigo o processo de formação de uma cultura brasileira híbrida, devido às relações humanas entre os patriarcas e os escravos, desenvolvendo, dessa forma, pela ótica Freyreana uma intensa relação em todos os seguimentos que foram compartilhados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações humanas, Casa-grande, Espaço Social, Conflitos.

## 1 INTRODUÇÃO

Pretendemos analisar neste artigo o contexto de espaço social, na obra *casa-grande e senzala* de Gilberto Freyre<sup>1</sup>, uma obra de destaque tanto para a historiografia quanto para a literatura.

A casa-grande como espaço social no período colonial está instituída como ponto de referência em meio a uma sociedade escravocrata, e assim, os senhores patriarcais ostentavam um poder autoritário, construindo às suas próprias leis.

É importante observar que Gilberto Freyre vai demonstrar isto na década de 1930, quando vai escrever o conjunto da sua obra, *Casa-Grande e Senzala, Ordem e Progresso, Sobrados e Mocambos*, demarcando, dessa forma, o lugar social a que ele está inserido, por meio da política regionalista.

É importante compreender que Gilberto Freyre, transmite a informação por meio de um diálogo, estabelecendo com o leitor um contato direto, mas ficando às vezes no campo do não dito o seu pensamento.

---

<sup>1</sup> Gilberto Freyre – foi sociólogo e ensaísta brasileiro, nasceu no Recife-PE, no dia 15 de março de (1900 -1987) filho do professor Alfredo Freyre e de Francisca de Melo Freyre, autor do conjunto da obra *Casa-Grande e Senzala, Sobrados e Mocambos, Ordem e Progresso* entre outros.

Os livros já mencionados anteriormente nos mostra a importância de como entender o processo de formação do povo brasileiro em seus mais distintos aspectos, políticos e sociocultural na perspectiva freyreana.

A primeira edição do livro *Casa-Grande e Senzala* saiu em 1933, sendo editada novamente em formato de história em quadrinhos no ano de 1981, em edição preto e branco, quadrinizado por Estevão Pinto, com desenhos de Ivan Wasth Rodrigues, e no ano 2000 uma nova versão colorida é publicada novamente. Fora das terras brasileiras, o mesmo livro já foi publicado na Argentina em 1942, nos Estados Unidos da América 1946, em Portugal a publicação ocorreu em 1957, na França ocorreu em 1952, na Alemanha em 1965, na Itália também ocorreu no mesmo ano de 1965, na Venezuela a publicação ocorreu em 1977, na Hungria ocorreu em 1985, na Polônia também ocorreu em 1985, e lá na Romênia a publicação ocorreu no ano 2000, comprovando assim a importância.

Em sua obra *Casa-Grande e Senzala* Gilberto Freyre, nos faz compreender que os espaços visualizados no cotidiano desta sociedade patriarcal por intermédio de um poder autoritário, faz do patriarca o grande responsável pelo modo de hierarquia social que foi estabelecido.

É por esta razão que objetivamos analisar o âmbito da casa-grande, entendendo-a como um espaço de poder, pois a casa-grande sempre está em um ponto estratégico, e a sua localização permitia que todos os escravos (as) fossem observados, tanto os escravos (as) que trabalhavam na lavoura, quanto os escravos (as), que trabalhavam nos engenhos de açúcar, e até mesmo os escravos (as), que trabalhavam dentro de casa, como as mucamas, as cozinheiras e as amas de leite, pessoas que eram responsáveis pela alimentação e higiene de toda família.

Com um olhar mais apurado, podemos observar como essa relação patriarcal vai se espalhar em todas as áreas da sociedade colonial, especialmente na política, formada sempre por alianças e apadrinhamentos, e também por meio de casamentos.

Segundo Fernando Henrique Cardoso, ao prefaciар o livro, *Casa-Grande e Senzala* mostra “*Como no dia a dia, essa estrutura social que é fruto do sistema de produção, recria-se*” (CARDOSO, apud FREYRE, 2006, p. 21). Dessa forma o patriarcalismo se mantém no centro do poder.

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso ainda afirma, que:

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de

trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo) de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater famílias, culto dos mortos etc.). De vida sexual de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o ‘tigre’ a torceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e viúvas, recolhendo órfãos. (FREYRE, 2006, p.36).

Nesse processo histórico, em que a hierarquia social está presente dentro da casa-grande, colocamos em evidência o tempo, como objeto de estudo para o historiador.

É a partir da década de 1920 e 1930 que Gilberto Freyre dá início a sua pesquisa descrevendo estas histórias por meio de cartas, diários, receita de culinária, livros de viagens, autobiografias, folhetins, depoimentos pessoais, cantigas da tradição oral da época colonial, provérbios, e documentos não oficiais, ampliando, dessa forma, várias possibilidades de como enxergar esta sociedade.

Sendo assim:

De quebra, Gilberto Freyre granjeia a história oral, a memória relatada por testemunhos dos tempos do império, gente da mais diversa condição – de ex – escravos á viúva de Joaquim Nabuco foi por ele inquirida nos anos 1920 - 30, quando a maioria dos brasileiros tinha o pé na roça. (ALENCASTRO, 2010, p.7).

A importância de visualizar por meio da memória, o cotidiano de uma sociedade patriarcal brasileira nos mostra também, uma sociedade aristocrática de uma forma plural, porque, ela se apresenta muito rica em elementos culturais. Construindo assim, o arquétipo<sup>2</sup> da casa-grande como símbolo de poder, econômico e político.

Ao dialogar com o historiador José Carlos Reis, podemos compreender que o historiador tem que ser perspicaz em sua pesquisa e jamais se dar por vencido, mediante as dificuldades que são impostas pela ação do tempo, por que:

O historiador não pode se resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenche-la. Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher o silêncio, recuperar as palavras a expressão vencida pelo tempo [...]”. (REIS, 2000, p.77).

---

<sup>2</sup> Arquétipo – símbolo de poder, representado pela casa-grande no período colonial brasileiro.

Os autores Enrique Rodriguez Larreta e Guillermo Giucci, falam que as memórias de Gilberto Freyre giram sempre em torno da família, pois, quando ele fala em busca do “menino perdido” é porque ele faz uma busca de si mesmo dentro daquele universo formado por um Brasil ainda rural.

Assim, visualizamos um ambiente marcado por recordações que ainda se faz presente, pois:

As aventuras de explorar mundos proibidos, fora do sobrado burguês, foram vividas no engenho de São Severino, ali começou a infância de Gilberto, ali tiveram lugar às memórias que evocará em seus livros, cenas e instantes que voltarão muitas vezes. (LARRETA; GIUCCI, 2007, p.27).

Podemos evidenciar, por meio da citação, que Gilberto Freyre descreve como viveu de forma plena, toda liberdade que era concedida aos meninos que viviam no engenho, brincando, tomando banho no riacho junto com o seu irmão Ulisses, e os seus demais amigos de infância. Dentro desse universo antológico<sup>3</sup>, juntos se despertavam sexualmente, fazendo usos de bananeiras, melancias e animais, práticas que também eram comuns no Brasil colonial.

Neste contexto sociocultural, é preciso colocar em breves palavras que Gilberto Freyre, estava ligado às oligarquias agrárias de Pernambuco, e como tal, era é um representante dessa elite aristocrática, lançando de forma enfática um olhar elitista para contar a história de um passado colonial brasileiro.

Ao falar da narrativa em seu livro *A escrita da História* Peter Burke afirma que:

Em outras palavras, a narrativa não é mais inocente na historiografia do que o é na ficção. No caso de uma narrativa de acontecimentos políticos, é difícil evitar enfatizar os atos e as decisões dos líderes, que proporcionam uma linha clara á história, á custa dos fatores que escaparam ao seu controle. (BURBKE, 1992, p.330).

O livro *Casa-Grande e Senzala*, como ponto de referência para este trabalho acadêmico, como já foi mencionado, é o que mais se destaca não só por causa da narrativa de um Brasil que estar sendo construído a partir de um ideal de homogeneidade entre os povos brasileiros, mas porque ele também atribui um hibridismo cultural<sup>4</sup>, com a participação do negro (a), do índio e do europeu nesse processo histórico.

Diante da percepção de como compreender o processo histórico, a nossa análise será

---

<sup>3</sup> Universo antológico – na perspectiva freyreana o universo antológico demarca o lugar social de Gilberto Freyre

<sup>4</sup> - Hibridismo cultural – na perspectiva de Freyre, o hibridismo cultural é o resultado da união da cultura européia, indígena e africana, fortalecendo a cultura brasileira

marcada pelo diálogo com os Estudos Culturais, e em especial, pela História Cultural – de agora em diante grafada história cultural como um espaço acadêmico em mutação.

É partir dessa aproximação estabelecida entre história cultural e as relações humanas que visualizamos diversos conflitos dentro da casa-grande, onde podemos dialogar com a obra em questão, por meio das histórias narradas do cotidiano.

Segundo Peter Burke (1991), ao estar no Brasil, mais precisamente na USP, onde ministrou aulas nos anos de 30, Fernand Braudel teve contato com Gilberto Freyre. Braudel ficou impressionado com o talento de Freyre, quanto a sua representação elaborada para descrever a sociedade escrava e agrária brasileira. Desse contato rendeu a introdução de *Casa-Grande e Senzala*, escrita por Braudel em 1965.

É nessa perspectiva que o livro *Casa-Grande e Senzala* pode ser inserido, como um objeto de estudo por meio de um conhecimento científico, onde as relações humanas podem ser questionadas, e a partir dos questionamentos construir, então, uma nova história.

Portanto, o desafio de escrever na década de 1930 um livro totalmente inovador para a produção intelectual da época, faz com que as reflexões sobre um passado colonial brasileiro, ganhem uma dimensão bem maior, pois o Brasil, também nesse período histórico passa por uma série de conflitos, decorrente das transformações políticas, abrindo espaço para novas produções intelectuais da qual Gilberto Freyre, inclui-se com a sua obra de maior expressão *Casa-Grande e Senzala* até os dias atuais.

## **2 A CASA-GRANDE E A SEXUALIDADE COLONIAL**

A casa-grande como um ponto de encontro entre diversas culturas, nos mostra um espaço social elitizado por meio da política e da economia, onde o senhor patriarcal se relaciona com os escravos (as), de forma mais intensa, apesar das situações geradoras de conflitos.

Quando aprofundamos o nosso olhar em direção à casa-grande, evidenciamos uma sociedade organizada por uma elite aristocrática, onde a estrutura da casa-grande é vista como um símbolo de poder e força econômica, devido à hierarquia social a que ela está vinculada.

Sendo assim, este espaço social dentro de um ambiente familiar é compartilhado por vários integrantes que surge a partir das relações, construídas e consolidadas, sempre por meio de acordos políticos.

Gilberto Freyre apresenta esse ambiente familiar mostrando que:

A casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grosas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. (FREYRE, 2006, p.40).

Neste contexto em que as relações humanas estão sendo desenvolvidas dentro da casa-grande, a nova história cultural vem problematizar as histórias do cotidiano, sempre, nos mostrando que “*O olhar do historiador é estruturado por uma representação do tempo histórico*” (REIS, 2000, p.13) assim, a história cultural mantém um diálogo, entre o passado e o presente, para assim entender o modo de estrutura política e organização social.

Diante disto, a história do cotidiano nos revela que no período colonial brasileiro era atribuído aos escravos (as), status de uma propriedade privada, e como tal, o escravo (a), pertencia exclusivamente ao seu dono. Dessa forma, o proprietário beneficiava-se não só do corpo dos escravos (as), mas também do trabalho exercido por eles (as).

Gilberto Freyre descreve esse período da história brasileira da seguinte forma:

Ao escravo negro se obrigou aos trabalhos mais imundos na higiene doméstica e pública dos tempos coloniais. um deles, o de carregar a cabeça, das casas para as praias, os barris de excremento vulgarmente conhecido de tigres. barris que na casa grande das cidades ficavam longos dias dentro de casa, debaixo da escada ou em outro recanto acumulando matéria. quando o negro os levava é que não comportavam mais nada iam estourando de cheios. de cheios e de podres. Às vezes largavam o fundo, emporcalhando-se então o carregador da cabeça aos pés. Foram funções, estas e varias outras, quase tão vis, desempenhadas pelo escravo africano com uma passividade animal. (FREYRE, 2006, p. 550).

Vale salientar que o escravo (a), não era totalmente submisso aos seus senhores (as) apesar de ele viver prisioneiro em um sistema escravocrata.

É importante colocar que Gilberto Freyre vagueia em alguns momentos, como se o negro (a), fosse um ser passivo diante do autoritarismo que lhes eram imposto, colocando-os apenas como objeto a ser usado e manipulado de acordo com os interesses de cada senhor.

Logo, no cotidiano da casa-grande, não só eclodiram conflitos entre os escravos e os seus donos, mas entre ambos manifestam também os sentimentos de afeto.

É preciso compreender que dentro da casa-grande valia-se de tudo, desde as práticas sexuais com bananeiras e melancias, até as práticas sexuais mais excêntricas com animais, pois desde muito cedo, por exigências da própria sociedade, era comum que os meninos mantivessem uma vida sexual ativa.

Por causa desse incentivo sexual, o sadismo e o masoquismo dentro da casa - grande surge como um fator de grande conflito, não por causa das praticas sexuais feitas desde muito cedo pelos meninos, mas devido aos ciúmes ou divergências conjugais.

Segundo Gilberto Freyre. “*O motivo quase o ciúme do marido. Rancor sexual. A rivalidade da mulher com mulher*” (FREYRE, 2006, p. 421). E por esta razão, os escravos (as), eram mutilados e às vezes torturados (as), até a morte.

As punições referentes ao sadomasoquismo dentro da casa-grande revela um ambiente marcado por ressentimentos e frustrações, gerando ao mesmo tempo uma relação de prazer em meio a tantos sofrimentos que assolava as famílias, afetando também os filhos destes senhores (a), pois como:

[...] lembra-nos Júlio Belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, moleques, nas brincadeiras, muita das vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo; eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almajarras, eram burros de leiteira se de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro. (FREYRE, 2006, p.419 - 420).

Podemos observar, então, que esta relação fez com que as crianças brancas já nascessem e crescessem sentindo-se superiores, como se elas fossem miniaturas dos próprios adultos, moldando desde cedo o próprio caráter.

A expressão usada pelo autor Gilberto Freyre “o menino diabo” mostra que estas crianças vivam sem nem um limite, e dessa forma, elas evidenciavam muito cedo dentro da casa-grande o “autoritarismo” dos pais, repassando este poder aos seus filhos.

Portanto, trazer á memória histórias do nosso passado colonial brasileiro é mergulhar no mais profundo das nossas raízes e enxergar dentro desse olhar um novo horizonte nesta perspectiva freyreana.

### **3 A CASA-GRANDE E AS PRÁTICAS MÍSTICAS**

Como prática cultural, o misticismo descrito por Gilberto Freyre, aparece não como um universo isolado, mas como parte integrante desse sistema de valores, onde as relações humanas são construídas e consolidadas a partir das relações pessoais.

Estas relações pessoais nos mostra o cotidiano de uma sociedade patriarcal, sendo esta sociedade patriarcalista marcada por um universo cheio de mistérios no período colonial

brasileiro.

É importante observar que este universo repleto de mistérios, fez com que o Brasil tivesse, uma cultura híbrida em diversos aspetos.

Segundo Enrique Rodriguez Larreta e Guilermo Giucci, “[...] *A mensagem central de Gilberto Freyre consiste em prestigiar os sincretismos de todo tipos-raciais, culturais, religiosos*” (LARRETA; GIUCCI, 2007, p.423). Porque, é a partir, dessa aproximação com o escravo negro (a) que a casa-grande, abre definitivamente as portas para adicionar e também desfrutar novas experiências.

Sendo assim:

Do ponto de vista intelectual, Gilberto Freyre pode ser considerado um mediador entre diversas culturas das quais se apropriou criativamente, a fim de propor uma nova síntese. Mas defini-lo unicamente como um homem de ideias e um intelectual cuja obra se confunde com a história do Brasil moderno é limitar a personagem [...]. Em um único campo de visão historiográfico, dentro de um espaço tão vasto e repleto de fragmentos. (LARRETA; GIUCCI, 2007, p. 13).

Estes fragmentos, dentro de um universo tão amplo onde está fundamentada a casa-grande, faz com que as práticas místicas<sup>5</sup> ganhem uma dimensão bem maior dentro dessa sociedade colonial, como se todos estivessem envolvidos em prol de um único objetivo, mesmo que os interesses fossem almejados em alguns casos de forma individual, assim para alcançar os objetivos quer seja eles políticos ou amorosos valia-se de tudo e não mediam esforços.

Segundo Gilberto Freyre, era comum fazer feitiços e também rezar aos santos católicos “Santo Antônio” e ao “Santo João” sempre com muita devoção.

Entre as aquisições feitas pelas famílias patriarcais naquela época, o casamento prematuro aparece na sua narrativa com um grande destaque, devido às forças religiosas, políticas e econômicas que se uniam fortalecendo o nome do grupo familiar.

Em suma, Gilberto Freyre, menciona uma expressão de grande efeito para, assim traduzir esta sociedade patriarcalista, “[...] *o que hoje é fruto verde naqueles dias tinha-se medo que apodrecesse de maduro, sem ninguém o colher em tempo*” (FREYRE, 2006, p.429). Para o casamento

A citação nos mostra o destino de quase todas as moças porque elas eram preparadas para o casamento, e muitas destas moças depois de casadas morriam de parto, ainda com

---

<sup>5</sup> Na perspectiva de Freyre, as práticas místicas são realizadas pelo escravo (a) curandeiro (a) por meio de substâncias do corpo humano, animais, ervas e objetos materiais.

aparência de meninas.

Como prática cultural daquela época, era comum que as meninas por volta de 12, 13 anos de idade fossem dadas em casamentos a homens mais velhos, como, bacharéis em direito, negociantes, oficiais, médicos e até aos senhores de engenho.

Diante disto, poucos foram os homens que se mantivesse casado com a primeira esposa até a velhice. Sem perda de tempo, logo se casavam novamente, com as irmãs mais novas ou até mesmo com as primas da primeira mulher.

Devido à necessidade de estar sempre ligado com o sobrenatural, invocando cada vez mais proteção divina, dentro de um universo repleto de crenças. Adentram as portas da casa-grande neste momento à iconografia com grande relevância do negro (a), curandeiro (a), estereotipado como catimbozeiro (a), mandingueiro (a), ou macumbeiro (a), para a realização de feitiços ou filtros amorosos. Pois:

A freqüência da feitiçaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. Entretanto o primeiro volume de documentos relativos às atividades do Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas [...] suas práticas podem ter recebido influência africana: em essência, porém, foram expressões do satanismo europeu que ainda hoje se encontra entre nós, misturado à feitiçaria africana ou indígena. (FREYRE, 2006, p.405-406).

O autor Gilberto Freyre descreve a realização desses feitiços da seguinte forma:

O sapo tornou-se também, na magia sexual afro-brasileira o protetor da mulher infiel que, para enganar o marido basta tomar uma agulha enfiada em retrós verde, fazer com ela uma cruz no rosto do indivíduo adormecido e cose depois os olhos do sapo. por outro lado para conservar o amante sob seu jugo precisa apenas a mulher de viver com um sapo debaixo da cama, dentro de uma panela neste caso um sapo vivo e alimentando a leite de vaca. Ainda se emprega no Brasil o sapo na magia sexual ou no feitiço, cosendo-se-lhe a boca depois de cheia de resto de comida deixada pela vítima. Outros animais ligados à magia sexual afro-brasileira são o morcego, a cobra, a coruja, a galinha, o pombo, o coelho, o cágado. Ervas, varias - umas indígenas outras trazidas da África pelos negros algumas tão violentas, diz Manuel Quirino, que produzem tonteiras apenas trituradas com as mãos. Outras que se bebem se mascam, ou se fumam, tragando, como a maconha. Até o caranguejo é instrumento de magia sexual: preparado com três ou sete pimentas-da-costa e atirado ao solo produz desarranjo no lar domestico. (FREYRE, 2006, p.408).

Assim, na composição das simpatias junto com o café o sangue também foi usado, incorporando a outros elementos, como por exemplo: “[...] *pelos de sovaco ou das partes genitais, suor, lágrima, saliva, sangue. Aparas de unhas. Esperma [...]*” (FREYRE, 2006, p.

409). Ervas, bonecos de cera, e roupas, ingredientes que serviam para a realizar rituais.

Portanto, podemos compreender então que o misticismo surge dentro da casa-grande, como uma representação de fé em meio ao um mundo cristão e elitizado, Esta crença ligada ao sobrenatural não só estava contextualizada com o cristianismo, mas também estava envolvida com as divindades africanas, porque as famílias buscavam não só a proteção divina, mas, sobretudo, buscavam que houvesse entre as famílias uma harmonia, mesmo que as práticas místicas não fossem visto com bons olhos pela Igreja Católica.

#### **4 A CASA-GRANDE DIANTE DA MORTE**

Podemos enxergar a casa-grande no período colonial brasileiro em diversos aspectos cultural e socioeconômico, porque, ela é uma sociedade conservadora e autoritária, onde a moral cristã servia de parâmetros para os enlaces consanguíneos e até mesmo políticos.

Estas relações pessoais podem ser compreendidas sempre a partir, da ordem política e econômica, pois a casa-grande e sua extensão, nos mostra à vida e o destino de muitos indivíduos que compartilham o mesmo espaço, em alguns momentos marcados por amor e prazer, em outros momentos marcado por grandes conflitos, gerando sofrimentos.

Podemos compreender neste contexto social que a morte assume um papel de grande destaque, pois o velório também torna-se um evento com grande expressão dentro da casa-grande, devido à expectativa desse momento em que evidenciava-se a divisão dos bens, e o encontro com parentes e amigos.

Em depoimento o senhor Manuel tome de Jesus confessou:

Em nome de Deos, amem. Padre filho espirito santo, tres pessoas distintas e hum só Deos verdadeiro. Saibão quantos este testamento virem, que no anno do nascimento de nosso senhor Jesus christo de mil oitocentos cincoenta e cinco, aos dois dias do mez de outubro do dito ano, eu Manoel Thomé de Jesus, estando em meu perfeito juiso e em casa de minha moradia no engenho novo da Noruega, freguesia de nossa senhora da escada etc... faço o meo solene testamento na forma, modo e maneira seguinte – (segue-se a comendação da alma do grande devoto e escrupuloso católico a N.S.Jeus Cristo, 'meo redemptor, salvador e glorificador', a Maria santíssima nossa senhora, ao arcanjo são Miguel, 'príncipe da corte do ceo, e aos seus companheiros principaes que allí estão sempre na presença de Deus e a cumprirem as sua ordens, são Gabriel, são Rafael, são Uriel, são theatriel e são baraquiel - para virem então as declarações impressionantes):' declaro que tenho sido cazado tres vezes sempre em face da igreja [...] e por não ter filho nenhum natural ou bastardo. (FREYRE, 2006, p. 525).

A citação nos mostra que o testamento além de ser um documento muito importante,

onde o patriarca declarava os bens deixados para os seus herdeiros, incluindo nomes de filhos legítimos e também nomes de filhos abastados, neste caso filhos (as), com alguma escrava.

Logo, o testamento também servia de prova inquestionável sobre a moral e a conduta de um verdadeiro cristão, pois tinha-se neste momento a oportunidade de confessar perante a igreja os pecados cometidos em vida, dessa forma recebendo o perdão da Igreja Católica, pois estes momentos finais serviam de reflexão para o moribundo em seus últimos momentos de vida.

Ao dialogar com o autor João José Reis podemos compreender que:

Esses documentos às vezes escritos com muita antecedência nomeavam santos como advogados no tribunal divino, indicavam a quantidade e o tipo de missas que considerassem necessárias a abreviar a passagem pelo purgatório, escolhiam o modelo de mortalha, às vezes o tipo de caixão, estabeleciam o numero de padres, pobres e músicos durante o cortejo e a cerimônia de enterro, e finalmente especificavam o local da sepultura. (REIS, 2010, p.102).

Todos participavam desse momento, onde a morte deveria ser encarada como um momento de passagem, onde a alma deixa o mundo material e ascende para o mundo espiritual. Pois a tríade composta pelo céu, purgatório e inferno, deveria ser referenciada no pós-morte.

Sendo assim:

A morte não era vista como o fim do corpo apenas, pois o morto seguiria em espírito rumo a um outro mundo, a uma outra vida. Daí ela pode ser encarada até com júbilo. Em 1821, um senhor de engenho de itú, em carta para o seu genro, assim se referia á notícia da morte da filha: "parabéns da passagem que fez nossa filhinha Maria deste mundo para a vida eterna". A morte era tida como uma passagem, motivo por que a ideia de deslocamento espacial e viagem estava sobremaneira presente nos ritos que a cercavam. As cerimônias e a simbologia que envolviam a morte eram produzidas para promover uma boa viagem para o outro mundo, cuja distancia desde era consideravelmente menor do que hoje. O tratamento dispensado ao morto visava integrá-lo o mais breve possível em seu lugar, para o seu próprio bem e a paz dos vivos. (REIS, 2010, p. 96).

Este meio social revela a casa-grande como um arquétipo sociedade patriarcal, extremante marcado, pela religiosidade, quer seja ela de origem católica, judaica ou mesmo de origem africana, pois cada indivíduo cumpria a sentença da sua vida.

Gilberto Freyre descreve por meio dessa ideologia cristã, que sobre muita cera de vela e choros copiosos os enterros aconteciam geralmente à noite, depois de prestar as últimas

homenagens ao morto e as carpideiras também exerciam um papel de grande destaque, pois como afirma Reis (2010) “*Antes da saída do morto de casa, outros ritos domésticos deveriam ser acondicionados, entre eles o banho do cadáver com infusões especiais ou perfumes [...]*” (p.110), devido à importância que o funeral exercia em meio à sociedade.

Como extensão da casa-grande a capela também ganha uma função muito importante, onde sepultavam-se os parentes, e dessa forma, os mortos e os vivos continuavam relacionando-se dentro de um universo místico e religioso.

Estes senhores (as), quando não sepultados (as), em sua propriedade, por direito assim outorgado a igreja obviamente destaca-se como um lugar ideal para o repouso eterno dos corpos, isto é mediante a um justo valor pago pelos familiares.

Ainda segundo Gilberto Freyre, apesar da distinção de classes sociais mesmo diante da morte, os espaços continuam se integrando um ao outro, pois enquanto os nobres eram sepultados em grande estilo exibindo o seu poder aquisitivo com velórios luxuosos.

Os escravos eram sepultados sem luxo algum, perto da capela do engenho. Conhecido popularmente como cemitério dos escravos, este lugar, era destinado apenas a alguns escravos que viviam amontoados como se fossem verdadeiros animais, dentro das fazendas coloniais, sem direito a liberdade.

É importante ressaltar que estes senhores “bondosos” quando sepultavam os seus escravos de estimação mandavam rezar missa em intensão das almas, para que eles (as), pudessem descansar em paz no pós-morte junto com os anjos e toda corte celeste que habitam os céus.

Alguns desses senhores descrito por Gilberto Freyre enfeitavam as sepulturas com flores e choravam a morte dos seus antigos escravos (as), como se fosse um parente ou um amigo muito querido.

Entretanto, de forma desumana e também contraditória, existiam senhores (as), que desprezavam os seus escravos (as), procurando-se livrar o mais rápido possível dos cadáveres, pois:

[...] havia também muito senhor bruto. E na cidade, com a falta de cemitérios durante os tempos coloniais, não era fácil aos senhores, mesmo caridosos e cristãos, darem aos cadáveres dos negros o mesmo destino piedoso que nos engenhos muitos negros foram enterrados na beira da praia: mas em sepultura rasas, onde os cachorros quase sem esforço achavam o que roer e os urubus o que pinicar. (FREYRE, 2006, p. 527).

A citação reafirma a ideia de que os negros eram apenas meros objetos insignificantes, reduzindo-os a condição de um animal, nascer, crescer e se reproduzir, completando assim o

ciclo da vida, depois de uma vida inteira de servidão imposta por um regime escravocrata, porque a exploração era as regras básicas para a sobrevivência dessa elite aristocrática que viviam em função dos trabalhos prestados pelos escravos (as), dentro das fazendas no período colonial brasileiro.

Portanto, a narrativa sobre a casa-grande em seus mais diversos aspectos políticos ou sociocultural nos mostra uma pluralidade de eventos, onde a morte, também tem o seu destaque de grande expressão, permeado por crenças e práticas em um mundo arraigado de extremos conflitos, onde buscava-se amenizar as agruras da vida por meio da religiosidade, esperando encontrar a verdadeira paz em um mundo que estaria por vir, após a morte longe do sofrimento terrestre e de todos os males que pudesse afligir a alma humana.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trás uma análise feita a partir da perspectiva do autor Gilberto Freyre tendo, como ponto de referência, o livro *Casa-Grande e Senzala*, escrito em 1933, cujas relações humanas são descritas na obra em questão por meio da organização social, política e econômica, composta por uma sociedade escravocrata e patriarcalista.

Quando dialogamos com a história cultural percebemos os indícios já externados por Gilberto Freyre, onde o autor vincula de forma enfática as relações humanas.

Entretanto, no discorrer da narrativa do livro *Casa-Grande e Senzala* o autor Gilberto Freyre, evidência que estas relações humanas foram constituídas por meio do cotidiano de uma sociedade patriarcal, descrevendo, histórias de pessoas reais, e não histórias de pessoas fictícias, em meio a um Brasil totalmente rural. Reconstruindo dessa forma o passado colonial brasileiro, onde o hibridismo cultural é visto por Gilberto Freyre de forma positivo dentro de um universo tão amplo em sua pluralidade.

Sendo assim, a organização estrutural em que está inserida a elite apresentam-se de forma autoritária, acondicionando vários indivíduos em um só sistema devido às alianças patriarcais que se traduz em forças consanguíneas, gerando no âmbito social uma série de conflitos em seu cerne conjuntural.

Fica latente que estes conflitos de ordem estrutural eclodem em vários seguimentos da sociedade, desde a ordem administrativa até as questões familiares, onde pode-se evidenciar o sadomasoquismo.

Apesar das inúmeras críticas em relação ao autor Gilberto Freyre e a sua obra de maior expressão até os nossos dias, o livro ainda continua nos surpreendendo e revelando um novo

horizonte, um mundo que ficou por muito tempo adormecido, histórias verídicas que só foi registrada em diários íntimos, cartas e documentos não oficiais, relatando a intimidade de um Brasil colonial, sobre a prerrogativa de uma classe aristocrática e escravocrata.

As críticas mais recentes sobre o livro *Casa-Grande e Senzala* ainda continua nos afirmando a importância da obra, não só pela quantidade de publicações em diversos países, mas sobre tudo pelo método inovador para a produção literária da época, como também pelo registro de histórias reais que ainda permanecem vivas na memória da nossa história brasileira, sempre a espera de alguém que possa decodificá-las.

Portanto, com a promulgação da lei 11.645/2008 podemos enxergar novas possibilidades de pesquisas, a partir da obra do autor Gilberto Freyre que estar sendo analisada neste artigo acadêmico, pois em conjunto com a lei de diretrizes e bases ela nos propõe uma visão mais ampla para o processo educativo, coloco em evidência cultura afro-brasileira e também indígena em referência a nossa diversidade sociocultural.

## ABSTRACT

This paper aims to examine the social context where the big house is located, as a kind of extended family in the Brazilian colonial period. It is from the book big house and slaves, written by Gilberto Freyre in 1933, we noted that in this article the process of forming a hybrid Brazilian culture, due to human relationships between fathers and slaves, developing thus the optical Freyrean an intense relationship in all segments that have been shared.

**KEYWORDS:** Human Relations, House - large, Social Space, Conflicts.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luís Felipe de (org.). **História da vida Privada**. Vol2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BURKE, Peter (org.) A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

GUICCI, Guillermo; LARRETA, Enriques Rodrigues. **Gilberto Freyre uma biografia cultural**: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

REIS, José Carlos. **Escola dos Anales**: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REIS, João José (org.). **História da vida privada**. Vol 2. São Paulo: companhia das letras, 1997.